COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO
LEITNER, Priscilla de Castro Campos; TEIXEIRA, Rafael Tassi. A pele que habito: Construções contemporâneas da identidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais.** 17º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Acesso em: ____/____/____.

"A PELE QUE HABITO": CONSTRUÇÕES CONTEMPORÂNEAS DA IDENTIDADE

Priscilla de Castro Campos Leitner
Rafael Tassi Teixeira

RESUMO

Um dos maiores paradoxos na era da globalização, da Internet e da mídia é sem dúvida o ressurgimento das identidades como princípios essenciais de vida pessoal e de atuação social. Este processo é acompanhado de uma exacerbação das identidades particulares e da reinvenção da diferença. Como pano de fundo para esta discussão trazemos a mais sombria obra do espanhol Almodóvar, "A Pele que Habito", que por um lado retrata a pele como identidade e por outro como a mutação do corpo. Se contemporaneamente ancoramos a identidade de forma patológica à pele e aceitamos que o corpo é transformável, este Eu que habita a pele está de certa forma distorcido e esvaziado de si. Na formação desta identidade moderna, o corpo, quando moldado segundo uma imagem, distancia-se do *self* e de qualquer traço da identidade original.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Identidade. Pele.

..- ..-..-..-..-..-..-..-..-..-..-..

"Com pedaços de mim eu monto um ser atônito"

(Manoel de Barros – Livro sobre Nada)

A Obra de Arte de Almodóvar...

Em "A Pele que Habito" podemos ver de forma muito marcante as questões de construção de um corpo perfeito. Uma verdadeira obra de arte da medicina, um modelo humano, uma pele perfeita, mas tragicamente artificial. Uma forma perturbadoramente cirúrgica de resgatar um corpo perdido, mítico e profano. Pode-se comparar ao romance Frankenstein, em diversos momentos da trama, mas verdadeiramente mais profundo e frio.

O terror e a violência estão presentes nos próprios objetos, mas neste filme são somente objetos, mesmo os mais simbólicos como os "falos", são somente "falos". O

símbolo até pode saltar ao imaginário do espectador como uma possível interpretação, mas não são inerentes ao objeto.

É significativa a quantidade de material ensaístico que não somente questiona a viabilidade do sujeito como candidato a representação, ou até mesmo à libertação deste. Uma lição de abismo...

A Identidade desancorada...

Vivemos em um mundo rodeado de ambivalências, a indômita individualização, que traz uma ambígua vontade de fundir-se num grupo social e o desejo marcante de diferenciar-se dele, ainda que em detalhes, que acompanha a atualidade é descrita por Bauman (2001) como o transformar a identidade humana de um ‘dado’ em uma ‘tarefa’ e encarrega os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das consequências - assim como dos efeitos colaterais - de sua realização.

As contemporâneas alterações na subjetividade alteraram a forma com que o sujeito é modelado para ser visível. Nossa cultura traz uma necessidade de exposição, como que uma necessidade irremediável de expor tudo. E fazendo acreditar que o que não é visto, não existe. Sibilia (2008). A identidade está ancorada na pele, por isso o corpo é enfeitado, modelado e esculpido para ser refletir a imagem, muitas vezes irreal, do sujeito. Negar a sua imagem real, o seu *self* corpóreo, em prol de uma imagem real e idealizada do ego é a articulação narcisista que podemos encontrar atualmente.

De forma semelhante a cultura desta sociedade é voltada ao desenfreado desenvolvimento, construído na base do desrespeito à natureza e ao próprio ser humano. O contexto econômico-financeiro atual, os incríveis avanços tecnológicos, a agressividade consumidora e o excesso de informação são alguns dos fatores responsáveis por gerar uma sociedade voltada à produção. Logo podemos entender que a cultura de certa forma é modelada de acordo com essa imagem irreal e essa imagem também é modelada pela cultura.

Segundo Baker (1980) esta imperiosa necessidade do conhecimento pode passar a ser tão importante a ponto de sobrepujar o funcionamento natural do sistema vegetativo e é na verdade um disfarce à repressão e ao controle. A precariedade do contato e a privação dos vínculos, nada mais são do que uma expressão do narcisismo que aparece nesta cultura que se aproxima da insanidade através da perda dos valores humanos e da relação fria com a natureza.

O privado se tornou publicamente escancarado, e por mais constrangedora e humilhante que seja a fama conquistada a sociedade do espetáculo converte tudo em mercadoria. O consumo não é só o consumo capitalista mercadológico, existe uma nova modalidade do consumo, o consumo do Eu, das personalidades que se permitem ser consumidas, barganhadas e também, porque não, descartadas como um objeto.

Para Lipovetsky (2007) o consumo hipermoderno não é somente uma manifestação do hedonismo individualista, mas também uma tentativa de responder as incertezas que tomam conta do indivíduo, devido ao crescimento exponencial de referenciais e novas expectativas. A subjetividade fragmentada não consegue administrar o risco de se tornar descartável e de se descobrir objeto nesta trama globalizada que se está inserido.

Assistimos agora a reinvenção da cultura e da ampliação dos territórios em que a virtualização leva a questionar o próprio conceito do real e o sentido desta realidade existencial. No cerne da atual sociedade voltada ao consumo, ao avanço tecnológico, adoradores do “corpo perfeito” surge então, de forma altamente paradoxal, a discussão da materialidade e desterritorialização corporal.

Merleau-Ponty (2006) aponta o século XX como o responsável pela invenção teórica do corpo nas vias existenciais, e que esta questão deixa de ter uma linha divisória entre corpo e mente, e passa a ser apoiada sobre o corpo. Conforme comenta Reich (1995) o corpo retem os conflitos emocionais e possuí uma linguagem própria de expressar para o meio, ponto que o torna de fundamenta importância para a compreensão dos mecanismos intra-psíquicos. Desta forma o corpo além da sua

ligação com inconsciente e o sujeito, também está presente nas formas sociais da cultura.

O corpo, sustenta como matéria a produção dos processos de identificação a partir das suas evidentes marcas visuais que expõem a identidade do sujeito consigo mesmo e com a sociedade. Mas o corpo também é o responsável por separar o indivíduo do mundo e do outro, lugar onde se pode terminar a alteridade. (GIL, 1997).

Podemos entender que a identidade corporal é compreendida como um construção individual que engloba as percepções do sujeito sobre si mesmo e sobre a relação que ele mantém com os outros. “Deste modo, as imagens do corpo vão sendo construídas e reconstruídas ao longo da vida do indivíduo, imbuindo-o de significações a partir das vivências que outras referências lhe apresentam.” (Frois et al., 2011)

Para Cash e Pruzinky (1990), podemos conceituar a identidade corporal como a formação de uma imagem de si mesmo e uma ideia da subjetividade da percepção, pensamento e sentimento. Ocorrem diversas alterações em todos os aspectos; a imagem provem de como nos vemos e sentimentos; existem influencias sociais para a idealização da imagem corporal; modificações fazem parte da construção idealizada de um corpo; e irá refletir na imagem do mundo externo e a imagem corporal portanto determina nosso comportamento.

Barros (2005) diz que a construção da identidade corporal “É aliar um conceito à nossa consciência de que somos corpos em lugares distintos residindo em nossa própria manifestação material e física.” (p.553) As concepções teóricas que embasam a construção social dos corpos argumentam que a materialidade do corpo e sua construção simbólica cultural são inseparáveis e podem ser entendidas no contexto das relações de poder.

A construção da identidade corporal tem como um de seus elementos centrais as questões da imagem corporal e práticas relativas ao corpo. A construção da identidade corporal é modificada conforme a nossa necessidade de existência, modificado nos hábitos e pensamentos. A nossa imagem é modificada conforme a necessidade que a sociedade impõe transmitindo essas informação de idealização do

perfeito através das tecnologias, marketing, consumo e mídia. Como consequência nossa percepção de mundo e transformada pela sociedade.

> Se o corpo é o *self*, a auto-imagem real (a imagem real do *self*) deve ser necessariamente uma imagem corporal. A pessoa só pode rejeitar a auto-imagem real negando a realidade de um *self* corporificado. Os narcisistas são negam que têm corpo. Sua apreensão da realidade não é tão fraca assim. Mas vêem o corpo como um instrumento da mente, submetido à vontade deles. Funciona unicamente de acordo com suas imagens, sem sentimentos. (LOWEN, 1993, p. 17).

As construções corporais instaladas contemporaneamente nos mostram as tendências confessionais, exibicionistas e performáticas que são o alicerce da subjetividade e o consumo identitário, em uma espetaculização do Eu que visa à obtenção de um efeito: o reconhecimento nos olhos do outro. Porém, essa construção de si como personagem visível indicaria na realidade um marcante pavor de contato com o *self*.

..-..-..-..-..-..-..-..-..-..-..-..-..-..-..-..-..-..- ..-..-..-..-..-..-..-..-..-..-..-..

REFERÊNCIAS

BAKER, E. F. **O Labirinto Humano:** as causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Summus, 1980.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BARROS, D.D. Ima**gem corporal:** a descoberta de si mesmo. Historia, Ciência, Saúde – Manguinhos, 2005, v.12, n.2: p.547-54.

CASH, T. F.; PRUZINSKY, T. **Body images:** development, deviance and change. New York: The Guilford Press, 1990.

FROIS, E.; MOREIRA, J.; STENGEL, M. **Mídias e a imagem corporal na adolescência:** o corpo em discussão. Psicol. estud. vol.16 no.1 Maringá, 2011.

GIL, J. **Metamorfoses do corpo.** Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal:** ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOWEN, A. **Narcisismo:** negação do verdadeiro *self*. São Paulo: Cultrix, 1993.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

REICH, W. **Análise do caráter.** São Paulo: Martins Fontes, 1995

SIBILIA, P. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

..- ..-..-..-..-..-..-..-..-..-..-..-..

AUTORES

Priscilla de Castro Campos Leitner/PR – Mestranda em Ciências Humanas (UTP/PR) e Psicologia (UTP/PR). Especialista em Psicologia Corporal com residência em Análise Reichiana/Orgonomia pelo Centro Reichiano/PR.
E-mail: priscilla.leitner@gmail.com

COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

LEITNER, Priscilla de Castro Campos; TEIXEIRA, Rafael Tassi. A pele que habito: Construções contemporâneas da identidade. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais.** 17º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Acesso em: ____/____/____.

Rafael Tassi Teixeira/PR – CRP-08/7408 - Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, mestrado em antropologia e doutorado em sociologia - Universidad Complutense de Madrid. Atualmente é professor na Universidade Tuiuti do Paraná. Tem experiência em diversas áreas das humanidades, com ênfase em ciências sociais e psicologia cultural, atuando nos seguintes temas: políticas de representação, processos migratórios internacionais, deslocamento e identidades, saúde mental e migração, etnicidade e exotizaçoes.
E-mail: rafatassiteixeira@hotmail.com